E 219
Teatro Capixaba nos últimos 8-5 anos
Jo

Este ano o Teatro-Escola de Vitória apresentou "O Gato de Botas" no Carlos Gomes, dirigido por Flodoaldo Viana.

Flodoaldo Vianna e o TEV: muitas pedras no caminho

O Teatro Escola de Vitória teve tases de interrupção em sua longa história, mas nunca parou. Desde 28 de junho de 1951, data em que foi fundado por Flodoaldo Viana, ainda seu presidente, Dirce Souza Viana, Gérson Von Randow, Floriano Acioly Barros, assessor do atual secretário de Educação, Gilson Leão Borges, hoje juiz de Direito e Henrique Leon-Fá.

Flodoaldo Viana conta como nasceu o grupo:

— Eu trabalhava em Alfredo Chaves, onde nasci, numa farmácia, quando apareceu a Companhia de Comédia Leda Stella, subvencionada pelo Serviço Nacional de Teatro e que deveria realizar excursões pelo interior do Brasil. Seu dono e ensaiador era Eurico de Souza e Silva e a companhia tinha 17 atores. Eurico tinha uma filha, Dirce, por quem me apaixonei e casei. Comecei então a acompanhar a companhia em suas viagens, apresentando peças infantis e para adultos também. Durante 13 anos atuamos em teatros, cinemas e igrejas.

A vinda para Vitória

Em 1951, a companhia veio a Vitória para uma temporada no Teatro Carlos Gomes, que ainda pertencia à empresa Santos, dona dos cinemas Glória e Santa Cecília, que o havia arrendado ao Governo. Afirma Flodoaldo:

— No teatro, apresentávamos uma média de 10 espetáculos por mês, sempre com casa lotada. Era "Deus lhe Pague", de Juracy Camargo, "Bicho do Mato", "Joãzinha Buscapé", de Luiz Iglesias, "Feitiço", de Oduvaldo Vianna e muitas outras. Nesse mesmo ano fomos fazer uma apresentação no antigo salão paroquial da Igreja Santa Rita de Cássia, a pedido dos moradores da Praia do Canto. Depois do espetáculo, meu sogro Eurico sofreu um enfarte e tivemos que interromper as viagens da companhia. Como eu não tinha condições de viajar sozinho, fui procurar o governador Jones dos Santos Neves sobre a possibilidade de se criar um grupo de teatro em Vitória. Ele nos deu todo apoio, cedendo o auditório da Escola Normal. Foi assim que nasceu o Teatro Escola de Vitória.

O grupo pagava um aluguel de 10 contos de réis mensais e apresentava peças para adultos, na maioria, três ou quatro vezes por mês. E viajava: Campos, Aimorés, Governador Valadares e interior capixaba. O governador Jones ajudava nessas viagens. Flodoaldo Vianna conta:

— Todos os meses realizávamos espetáculos na Santa Casa de Misericórdia, para os enfermos, no antigo sanatório Getúlio Vargas, na penitenciária, no hospital infantil, no leprosário, sempre onde havia uma festa ou feriado. Dávamos também espetáculos em praça pública, ao ar livre, nos bairros e até na Praça Oito. Nas excursões interestaduais, a gente dormia nas poltronas dos locais de apresentação, quando não havia outro jeito.

Os primeiros problemas

Até 1961, o Teatro Escola de Vitória esteve em atividade, com cerca de 10 espetáculos por mês, mas começaram os problemas. Não havia verba nem para os próprios atores e era preciso pagar aluguel dos teatros e vestuários. Além disso, as apresentações normalmente davam a renda para alguma instituição pública ou eram realizadas em praças públicas. Outro agravante: o Teatro Carlos Gomes foi fechado para reformas (só reabriria em 1970) e o grupo ficou praticamente sem palco em Vitória.

Este ano, porém, o Teatro Escola de Vitória foi retirado de seu abandono. A mulher do governador Élcio Álvares, dona Irene, dando prosseguimento às suas obrigações sociais, patrocinou uma apresentação do grupo no Carlos Gomes, com "O Gato de Botas", em comemoração ao Dia da Criança. Além disso, o TEV foi contratado pelo Mobral para divulgar o teatro no interior do Espírito Santo, recebendo ajuda material e financeira e um mínimo de 5 apresentações garantidas. E recentemente o grupo apresentou no Carlos Gomes a peça "O Outro André", que estava à espera de um local há muito tempo para ser encenada. Flodoaldo Vianna tem queixas:

— Na época em que o Carlos Gomes era da empresa Santos, lutamos muito para que ele voluisse a pertencer ao Estado e agora não temos nenhuma chance de apresentar espetáculos. Não sei o que está acontecendo com a Fundação Cultural, mas da está sempre negando o local. Para a apresentação de "O Gato de Botas", fizemos um ofício e o enviamos à Fundação, como é de praxe, com um mês de antecedência e, mesmo assim, quando fui ver se haviam reservado algum dia para nós, eles disseram que não havia data. Procuramos então o governador, que ordenou que o teatro fosse cedido e, ainda assim, não conseguimos o local para ensaiar nem um dia. Então é esse o apelo que fazemos ao governador: não precisamos de dinheiro, mas gostaríamos de, pelo menos uma vez por mês, ter o teatro para poder apresentar peças. Em "O Gato de Botas" gastamos uns cinco mil só de vestuários e a apresentação foi só. Muitos grupos capixabas conseguem dois dias para apresentações e até para fazer repeteco, e a gente não consegue o local nem para mais um dia. Realmente não sabemos o que está acontecendo.

Glecy Coutinho e as dificuldades de competir com grupos favorecidos

Uma das poucas atrizes capixabas, Glecy Coutinho tem experiência no teatro infantil, mas também já se dedicou ao adulto, tendo participado do grupo Praça Oito, criado em 1964 por Gérson Von Randow, Manoel Vieira Filho, Guilherme Carneiro, Isaías Marques e Petrucio Ramalho. Em 1969, dentro da política do grupo de divulgar o teatro nacional, Glecy atuou em "Navalha na Carne", de Plínio Marcos, dirigida por Gérson Von Randow. A esse respeito, ela explica que a peça só pôde ser apresentada três vezes:

— Recebemos um telegrama da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, avisando que os direitos autorais da peça eram exclusivos da Companhia Tônia Carrero. Havíamos encenado a peça para um congresso de ex-combatentes, cujo chefe havia pedido a liberação na censura. Outra peça que Gérson Von Randow desejou montar na época foi "Homens de Papel", do mesmo Plínio Marcos. Ele havia assistido a ela no Rio e foi procurar Maria Della Costa para conseguir o texto. Mas, apesar de sua insistência, a peça lhe foi negada. Por isso, apesar da nossa vontade em fazer teatro, passamos por muitas dificuldades com relação à escolha de peças negadas por grupos mais favorecidos.

Glecy Coutinho em "O Exercício", espetáculo montado no Carlos Gomes em 1971.

O TEATRO NO ESPÍRITO SANTO (III)

Entrevistas a Argile Cicatelli

UM BALANÇO DOS ÚLTIMOS 25 ANOS

Fotos do arquivo

Carioca, Paulo Eduardo Torre está completando 10 anos de Vitória, com intervalo de dois anos de retorno ao Rio. Jornalista com experiência na imprensa carioca (foi redator de "O Globo" e Correio da Manhã") e na capixaba (onde passou por quase todos os setores), Paulo Torre é também formado em História pela Ufes, mas não exerce a função de professor, por ter optado pelo jornalismo e se desviado cedo para as artes, que sempre o fascinaram mais do que dar aulas. Assim, dirigiu várias peças de teatro em Vitória, chegando a escrever uma (que acabou lhe dando, surpreendentemente, o prêmio de melhor ator) e dedicou-se também ao cinema, tendo realizado dois curta-metragens e exercido a função de crítico durante muito tempo no jornal "O Diário". Hoje, afastando-se temporariamente do jornalismo (deixou, recentemente, a chefia de redação de A TRIBUNA), Paulo Torre tem planos de encenar uma peça de Harold Pinter, enquanto reclama pela manutenção de um ambiente teatral no Espírito Santo, sugerindo que a Fundação Cultural não se limite a manter o Teatro Carlos Gomes ou a promoções de shows musicais, mas estenda seu incentivo a todos os campos artísticos, como cinema e artes plásticas, por exemplo.

Paulo Torre e João Amorim em "Lennon & McCartney", peça que lhe deu o prêmio de "melhor ator" no 1o. Festival Capixaba de Teatro Amador.

Paulo Torre: "Num Estado pobre, é certo que haja necessidades mais prioritárias"

Em 1964, Paulo Torre estagiou no Teatro Tablado, de Maria Clara Machado, de hoje, instituído no Rio de Janeiro, e começou a ter algumas noções de teatro, aumentando também seu interesse. No ano seguinte, veio para Vitória a fim de visitar amigos e passar umas férias. Resolveu ficar e matriculou-se no Colégio Estadual no terceiro ano, já visando o vestibular para a Faculdade de Filosofia, antiga Fafi. No Estadual, entrosou-se com o grêmio estudantil, dirigido por José Carlos Corrêa, responsável por "um ambiente razoável de atividades culturais naquela época", lembra Paulo. Do relacionamento surgiu a idéia de montagem de "Testemunha de Acusação", peça de Agatha Christie, a sua primeira experiência teatral no Espírito Santo. Paulo Torre relembra:

— Além de dirigir a peça, interpretei o papel do promotor. E Ewerton Guimarães fez o papel do advogado de defesa, aliás brilhantemente. Era o ideal para ele. Hoje, por exemplo, ele é realmente advogado, fica empolgado nos júris, como neste último do Genésio. O Colégio Estadual era grande, de muitos alunos, e a peça fez muito sucesso entre os alunos, parentes, namorados e pais. Deu um pouco de dinheiro, uma quantia mínima, para pequenas coisas, lâmpadas etc. A Faculdade de Direito arranjou bocas para os atores, porque a maior parte da peça se passa num julgamento. E nós a apresentamos no auditório da Escola Técnica. Era uma peça comercial, mas uma boa peça, que até hoje faz sucesso no mundo. Agatha Christie é uma mestre em suspense. E o espetáculo tinha um desfecho muito bom, muito bem construído, mas não havia nenhuma proposição social. Fizemos três ou quatro apresentações, inclusive na Escola de Aprendizes Marinheiros, para todos os marinheiros e foi um sucesso, rapaz, um sucesso desgraçado, incrível.

Preparando o repertório

No princípio de 1966, Paulo Torre começou a formar um grupo teatral com Ewerton Guimarães, Angela Machado, que havia feito o personagem principal de "Testemunha de Acusação", e Beth Galdino, que também havia trabalhado na peça anterior. Nascia, assim, o grupo Equipe. Paulo conta que Beth Galdino se revelaria como atriz nas duas peças que o Equipe faria, a ponto de ser convidada para trabalhar com outro grupo, o Geração, liderado por Antônio Carlos Neves, e que ela poderia ser uma grande atriz se não tivesse abandonado o teatro. "Tinha uma enorme sensibilidade e uma voz linda para teatro. Uma pena que não tenha continuado". O Equipe porém prosseguiu:

— Começamos a ensaiar numa sala da Aliança Francesa. Estávamos em dúvida sobre textos. Ensaiamos durante algum tempo "A Moratória", de Jorge de Andrade, mas era uma peça muito complicada, muito difícil, então não nos vimos em condições de apresentar. Aí o Ewerton apareceu com o texto de "Entre Quatro Paredes" (Huis Clos), de Jean-Paul Sartre, talvez a sua peça mais famosa. E eu era admirador de Sartre. Morava numa pensão e eu e Ewerton tínhamos tempo de estudar juntos a peça. Nessa época era só estudante, era uma beleza. Meus pais, no fim do mês, mandavam a mesada. Eu tinha tempo para ser artista . . . Ia ao Colégio Estadual de manhã fazer o terceiro ano e o resto do tempo ficava sem fazer nada, podia ensaiar à vontade. Então ensaiamos "Entre Quatro Paredes" com Yamara Guimarães, que hoje é minha mulher, mas naquela época não tinha nada com ela. Os outros eram Ewerton e Beth Galdino, somente três atores, e eu como diretor. Tinha ainda o Belmiro Perini, que hoje faz publicidade e que fazia iluminação da peça, e o Dionísio era o contra-regra.

Nesse período, surgiu o grupo Geração, que abriu um teatro de arena no auditório do Colégio Brasileiro para estrear com "Arena Conta Zumbi". O dono do colégio era Rubens Gomes, tio de Toninho Neves. Paulo Torre abre um parênteses para explicar essa fase teatral capixaba:

— Arena Conta Zumbi foi o maior sucesso de teatro que já houve aqui. Naquela época havia grande fermentação universitária, era época de festivais, de cinema novo, foi um período que houve maior fermentação intelectual no Brasil, havia debates sobre arte, cinema. E em Vitória também existia, mas não havia o Teatro Carlos Gomes, nem a Fundação Cultural. E o Toninho Neves pegou um pessoal universitário — Zélia Stein, Cláudio Lachini, que hoje é jornalista em São Paulo, Milson Henriques, que estava chegando em Vitória, chegou junto comigo, Alcides Vasconcelos, que hoje está participando novamente do grupo Geração Essa primeira peça deles era musical, sobre o problema do negro no Brasil e ainda com uma série de críticas sociais. E tinha músicas de Edu Lobo. A peça era cantada e foi realmente muito bem feita. Teve um sucesso extraordinário, chegando a fazer 16 ou 17 apresentações seguidas em Vitória.

Novas perspectivas

E o grupo Equipe, de Paulo Torre, havia combinado apresentar "Entre Quatro Paredes" no teatro de arena do Colégio Brasileiro. Mas, quando a peça ainda não estava pronta para estrear, o diretor, Rubens Gomes, avisou que, apresentando o final do ano, dezembro de 1966, iriam ser feitas reformas no colégio, incluindo o auditório. Aí surgiu a emergência:

— Tivemos que apresentar a peça em cima da hora. A estréia foi meio esquisita, porque estava na cidade um grupo de poetas, que ia apresentar suas poesias no teatro de arena. E eles estavam fazendo sucesso, haviam lançado um livro na Âncora, existia um movimento favorável a eles. Então, no sábado da apresentação poética, o teatro encheu, estavam lá todos os universitários capixabas. Aproveitei e pedi aos poetas que anunciassem nossa peça para logo depois das poesias. E fizemos assim a avant-première de "Entre Quatro Paredes", que não foi muito bem sucedida, pois era uma peça difícil, hermética, absolutamente não comercial. Eram três pessoas no inferno, que não sabiam por que estavam ali e começavam a se acusar, todas com um complexo de culpa muito grande. O que haviam feito envida. Ao mesmo tempo, havia um elemento estranho na peça, um elemento absurdo, que ficava batendo na porta, querendo sair de lá, e usava a própria porta do teatro.

O Equipe, depois de "Entre Quatro Paredes", montou outra peça de Jean-Paul Sartre, "A Prostituta Respeitosa". Não sendo um autor fácil e sendo Paulo Torre muito jovem na época, como se explica essa preferência? O próprio Paulo explica:

— Comecei a ler Sartre aos 16 anos. Tinha amigos no Rio que me facilitaram muito essa leitura, me emprestando livros explicativos para entender a obra de Sartre. Evidentemente que muita coisa que lia eu não entendia, mas depois recorria aos livros de análise e entendia. Até hoje eu adoro Sartre. Todos os autores que lia naquela época são os que eu mais gosto hoje: Fitzgerald, Hemingway, Huxley, Somerset Maughan, que eu adoro. Li agora três livros dele e achei maravilhosos. Maughan escreveu peças, mas eu nunca tive uma na mão. "Fio na Navalha", por exemplo, não é peça, é um romance, aliás extraordinário, se bem que parece que fizeram uma adaptação teatral nos Estados Unidos, que não foi bem sucedida.

Sobre preferência e aprendizado dentro do teatro, afirma:

— Na época, eu gostava de ser diretor. Hoje, já acho o contrário. Prefiro ser ator. Além de ter algumas noções de teatro naquele tempo, adquiridas no Tablado, lia muitos livros especializados, normas básicas, Stanislavik, preparação do ator, lia tudo aquilo e gostava também de cinema, lia muitos livros de cinema na época, que era o auge do cinema novo, ia demais ao cinema. Então a técnica de direção de atores, de encenação, eu estava muito interessado nelas, muito empolgado, sabia alguma coisa. Evidentemente que não tinha muita experiência e não podia fazer um trabalho profissional, nem eu nem as pessoas que estavam comigo. Mas tinha muita vontade e procurava fazer alguma coisa boa.

"A Prostituta Respeitosa" sucedeu a "Entre Quatro Paredes" e esta peça de Sartre era mais popular. Diz Paulo Torre:

— Fiz a peça com Aprígio Gomes no papel principal Beth Galdino também tinha um papel importante. Algumas apresentações que fizemos na Escola Técnica tiveram sucesso, outras não. Essas duas peças que fiz não tiveram muito sucesso porque eram de Sartre, não tinham muita conotação local, que motivasse o público. "A Prostituta Respeitosa" falava do racismo nos Estados Unidos, corrupção, tinha um senador corrupto. O papel do Aprígio era o do filho do senador e Luiz Borges, fazia o papel do crioulo perseguido. Inclusive teve uma cena sensacional envolvendo o Luiz. O senador entrava com seus capangas e revólveres num momento para matar o crioulo, e ele estava escondido no banheiro. Nesse dia, estava todo mundo muito nervoso porque era a estréia. Na peça, quando o crioulo é descoberto, ele abre a porta, cruza todo o palco rapidamente e foge. Nesse dia, o Luiz estava nervoso e se apavorou: tropeçou na primeira cadeira, tropeçou na mesa, tropeçou na outra cadeira, tropeçou sozinho. Naquele suspense do assassinato, todo mundo vibrou com os incidentes, e o Luiz escorregou de novo. Foi uma cena de um minuto mais ou menos em que o público vibrou. Gozado porque nas vezes seguintes, isto não ocorreu e a cena ficou mais fria. E se estava programado um escorregão, mas o Luiz se apavorou. Foi o momento de glória para ele e para a peça. Pedro Mansur, aquele economista, fazia o papel do senador.

Além de Beth Galdino, Paulo Torre comenta que, entre os atores com quem trabalhou nessa fase, destaca-se Ewerton Guimarães, que brilhou em "Testemunha de Acusação". Diz: "Acho que o Ewerton bem trabalhado, contido, ele é um excelente ator". Depois de "A Prostituta Respeitosa", Paulo interrompeu suas atividades teatrais:

— Entrei na faculdade, precisei começar a ganhar dinheiro, minha mãe queria que eu voltasse para o Rio, cortou minha mesada, e eu comecei a trabalhar em jornal em fevereiro de 1967. Fui ser repórter de polícia de "O Diário", cobrir o caso do major Orlando. Acabei abandonando um pouco o teatro. Mas em 1970 surgiu aí um grupo querendo fazer uma porção de coisas. Apareceu o Luiz Tadeu, que era daqui e não tinha muita experiência, era um garoto. Então o Tadeu começou a querer fazer o "Zoo Story", História do Zoológico, do Albee, com o poema de Ginsberg, "Uivo", na abertura. E começou a ensaiar com uma série de pessoas, Freddy Von Randow e outros, mas o negócio não ia pra frente. O Tadeu estava mesmo a fim de ser ator, de fazer essa peça. Nessa época, inclusive eu já tinha feito um filmezinho com ele, o "Ponto e Vírgula", como fotógrafo. O Tadeu me chamou para dirigir a peça. A idéia era dele, que levou a frente o negócio. Conhecia a peça de cor. Já até encenava no Britz para todo mundo. Ninguém aguentava mais porque toda noite o Tadeu levantava e fazia um trecho da peça. Então ele chamou o Milson Henriques para fazer o outro papel e o Alaerte, que nessa época era empresário artístico, tinha conseguido arrendar o teatro da AEI. Começamos a ensaiar com muita boa vontade. Eu tinha tirado férias em "O Diário" e por isso tinha um mês para tocar a peça bastante rapidamente. E o Tadeu foi para o Rio e conseguiu comprar uns spots-lights que eram necessários para a iluminação. O Alaerte deu o dinheiro para comprar seis spots-lights e alugamos uma aparelhagem de som do Mário Rui, que era guitarrista. Fizemos a peça e foi um sucesso.

"Mordaça" e o Festival

O espetáculo reunia o poema de Ginsberg, a peça de Edward Albee e tinha o nome geral de "Mordaça". Paulo Torre explica:

— O poema era sobre a geração hippie, quer dizer, não era hippie, porque naquela época ainda não existia hippie, era beatnik. Kerouac, Ginsberg, era um poema belíssimo de abertura, e a peça também era incrível, foi a primeira do Albee. E o Tadeu interpretou muito bem o papel. O Milson estava bem, e eu consegui fazer um bom trabalho, principalmente de iluminação e tinha sonora. A peça fez muito sucesso. Fizemos vinte apresentações, um mês em cartaz. Num sábado tivemos que colocar cadeiras extras e toda a sociedade de Vitória estava lá. Os dois governadores foram, o Artur, que estava indicado, e o Cristiano. Foi um sucesso. O nome do grupo era Laboratório. Um detalhe interessante é que, numa noite, aconteceu uma interrupção. O Milson lia o poema e depois o Tadeu entrava para começar a peça. Era uma fusão. O Tadeu sentava na platéia, e ia caminhando depois para o palco. Nessa noite, um senhor de certa idade, na hora em que o Milson começou a dizer que "essa geração sacrificada. . .", não sei o que, não sei quê, esse senhor, totalmente insuspeito, ninguém esperava nada, se levantou e disse: "A sua geração não, a nossa, a de todos. . ." E começou a esbravejar no teatro. O Milson parou e a família desse senhor o levou para fora.

No final de 1970, era reinaugurado o Teatro Carlos Gomes e Milson Henriques, assessor do teatro, promoveu um festival amador. Paulo Torre concorreu e foi classificado com "Lennon & McCartney", ganhando surpreendentemente o prêmio de melhor ator:

— Foram inscritas quarenta e tantas peças e a comissão julgadora escolheu seis, sendo que uma delas era minha. As outras eram uma de Ewerton Guimarães, "Fausto 70", tinha a do Freddy Guimarães, não lembro o nome, , duas de Amylton de Almeida e Maura Fraga conjuntamente, "Nossa Senhora das Roupas Estranhas" e "Os Homens Verdes", tinha "Os Fulanos", de Carmen Có. E tinha também "Tatuíndia", uma sátira tipo chanchada de televisão, de Jonacy Trevisan e Ivan Ferreira. Essa peça era a primeira suplente entre quatro e entrou no lugar de uma peça do Amylton, que não quis encenar. Então eu comecei a ensaiar "Lennon & McCartney" no Teatro da AEI. O festival era patrocinado pelo Banco de Comércio e Indústria de Pernambuco e Fundação Cultural. E ter um bom dinheiro para melhor ator, melhor atriz, melhor peça, melhor direção, uma série de prêmios bons, pela primeira vez no Espírito Santo, como incentivo ao pessoal de teatro. Comecei a ensaiar com o João Amorim, que nunca tinha sido ator. O Tadeu iria fazer o papel principal, o de Lennon. O outro era o de um mudo, que seria o Amorim. Eu ia só dirigir. Mas aconteceu que o Tadeu arranjou com Plínio Marchini, que era diretor da Fundação Cultural, uma bolsa de estudos. Ele leu no "O Pasquim" que havia um curso de teatro de quinze dias em São Paulo e quis ir. Estava de saco cheio e resolveu largar tudo. Me chamou para ir, mas eu não podia, porque trabalhava e já era casado nessa época. E Tadeu foi, abandonou a peça, e eu não sabia o que fazer. Vi que não tinha ninguém para fazer a peça. Para o papel principal, achava que não estava capacitado. Então fiz o papel do mudo, que era secundário, e o Amorim quis fazer o papel principal, aceitei e começamos a ensaiar. Fiz o papel do mudo sem pretensão alguma, entrei para tapar buraco. E a minha peça abriu o festival, em dezembro de 1970, com bom público, porque o teatro tinha sido reaberto e as pessoas queriam conhecê-lo. Afinal, acabou o festival e eu, supreendentemente, ganhei o prêmio de melhor ator, apesar de fazer o papel de um mudo. Eram mil cruzeiros. A melhor peça foi "Os Fulanos", que também ganhou o prêmio de melhor direção; melhor atriz, parece que dividiu, Carmen Có e uma outra. Eu fiquei realmente satisfeito com o prêmio de melhor ator, embora ficasse surpreendido. Eu nunca tinha sido ator praticamente e fiquei surpreso porque todo mundo havia gostado da minha atuação.

Paulo Torre afirma que "Lennon & McCartney" era um alerta aos jovens:

— Era uma peça meio confusa, sabe. Mas eu queria falar principalmente... Eu estava vendo muita gente da minha geração se iludir com rock, música pop, futuro, que o mundo ia mudar, que essa geração ia mudar o mundo. Então a peça era um alerta contra a alienação, para as pessoas que chegavam a ficar paranóicas e fugiam totalmente da realidade. Era uma advertência para que as pessoas encarassem a realidade. Porque havia muita gente deslumbrada, dizendo que a geração hippie ia mudar tudo, que ia ser tudo amor e flor. O próprio personagem Lennon é um alienado, inventava fantasmas para ele, cismava que tinha sido Jimmy Hendrix. Eu não digo isso na peça, mas transparece que não era nada disso, que ele era um louco mesmo. Bem, então, acabou a peça e alguns meses depois eu fui embora para o Rio, acabando assim a minha experiência de teatro aqui.

Como o trabalho em jornal no Rio o absorvia muito, Paulo Torre resolveu voltar para Vitória após dois anos mas entrou no mesmo esquema. E agora que está deixando temporariamente o jornalismo, tem planos de voltar a trabalhar com Luiz Tadeu, montando uma peça de Harold Pinter, "Monta Carga", cujo texto está estudando em casa. Como participante e espectador, Paulo diz como vê a atual situação do teatro capixaba:

— Desde 1970 que não tinha teatro local, praticamente. A não ser Milson Henriques, que mantinha um teatro infantil, mas teatro adulto não tinha. Teve agora "Carmela Por Amor", que foi um show de homenagem e vai ter essa peça, "O Inspetor Geral", do Toninho Neves. O Espírito Santo é um Estado pobre, por isso tem necessidades mais prioritárias que cultura, como educação, saúde, uma série de coisas que são fundamentalmente necessárias. Então, diante desses problemas que o Governo enfrenta, a cultura evidentemente fica nos últimos lugares. Mas acho que o Governo, através da Fundação Cultural, poderia dar um mínimo de incentivo, que seria a realização anual de um festival, onde poderiam surgir novos valores de texto, de interpretação, direção. Porque tendo prêmio em dinheiro, não precisa ser muito dinheiro, as pessoas se animam mais. E num festival desses não se precisa gastar mais de 30 mil cruzeiros. É uma promoção que devia ter em cada final ou meio de ano, nas férias. Com o festival surgiriam novos valores, se estimularia o teatro e criaria um ambiente teatral. Acho que uma escola de teatro também é bom, mas antes e preciso ter um ambiente próprio, e para se ter esse ambiente é preciso estímulo para criação de peças. Por exemplo: vamos fazer um festival. Então participam 50 pessoas, entre atores, encenadores, escritores de peças. Esse pessoal depois pode entrar numa escola para se aperfeiçoar, porque não adianta abrir uma escola sem se ter mercado de teatro. Acho bom ainda a criação de um teatro independente, pois só tem o Carlos Gomes, que é um teatro muito vetusto, meio solene, é preciso um teatro mais jovem, mais descontraído, e ao mesmo tempo o Carlos Gomes tem aí uma série de programações, com espetáculos do Rio. Então o pessoal quer fazer uma peça aqui, como "Inspetor Geral", e só pode apresentar um, dois fins-de-semana. E depois tem o problema dos ensaios.

O ambiente cultural

Paulo Torre insiste na necessidade de um ambiente cultural, em todos os setores artísticos:

— Acho que é fundamental a existência de um cinedube . A Fundação tinha que ter um cinclube, que convidasse periodicamente um cineasta, um crítico, um professor de cinema, para vir aqui debater, estimular a debate de idéias, e isso que está precisando. O único ambiente que o sujeito tem aqui para debater idéias é o Britz, mas o Britz vira bagunça, porque depois de uma hora está todo mundo bêbado. Tenho a impressão de que tem muita gente aqui em Vitória que gosta de cinema, teatro, literatura e não tem onde se encontrar, discutir, e preciso aproximar estas pessoas. Concursos literários, por exemplo, é preciso ter. Eu já ganhei o primeiro lugar de um concurso de contos, foi um estímulo para mim. Em cada setor é preciso haver promoções. Artes plásticas, por exemplo, tem que ter alguma coisa de vez em quando. Já houve salões aqui, na época do Robert Newman. Podia haver também um festival de super 8, que é um negócio barato e que pode reunir muita gente.

Com a experiência de crítico que já foi, Paulo Torre é ponderado nesse aspecto:

— Acho que a crítica não pode ser radical. Tem que ser em termos. Evidentemente, se o sujeito faz uma porcaria, um negócio que não tem a mínima condição de ser montado, tem que ser malhado mesmo, porque se tem que ter desconfiômetro. Agora se se observa que o sujeito apresenta boas intenções e falhou por imaturidade, por falta de aprendizado, deve ser estimulado. Você não pode fazer a crítica de uma apresentação local como se fosse de um profissional europeu ou mesmo brasileiro. Tem que ser mais condescendente. E também não partir com o espírito pré-concebido, de só porque é local vamos esculhambar. Já houve muita coisa boa por aqui.

Talvez com a mesma dedicação que participou de teatro, Paulo Torre fez cinema. E, para encerrar, ele fala sobre isso:

— Em 1967 tinha um movimento de cinema muito bom, tinha o Ramon Alvarado, autor do primeiro filme que se fez aqui, junto com Rubens Fieitas da Rocha, que era advogado na época e gostava muito de cinema, tendo um equipamento em casa e dado um apoio técnico à gente. O Ramon tinha feito um filme e passou no Centro de Estudantes Universitários e foi um sucesso absoluto. O filme, não me lembro o nome, era interessante, tinha uma parte colorida, outra em preto e branco, um curta. Foi em 66 que ele lançou esse filme. Foi o primeiro filme de ficção feito aqui, que eu me lembre. Me avisaram que tinha um filme no Centro de Estudantes e eu fui ver. O Xerxes Gusmão Neto, que era crítico de cinema na época, fez a apresentação muito emocionado. E o filme, apesar de ter mil falhas técnicas, era interessante, porque tinha alguma coisa de Antonioni. Era surpreendente que no Espírito Santo a gente visse alguém fazendo filmes nos termos de Nouvelle Vague, de neo-realismo. Então isso animou. O Toninho Neves também fez um filme, que não deu certo. O Ramon concorreu em 66 ao Festival JB com esse filme dele. Em 67, a gente vivia, comia e dormia cinema. Eu parei de fazer teatro porque me dediquei a cinema. Fiz dois filmes "A Queda", que era mudo e fiz "Kapu", que tinha trilha sonora de música, etc. O Toninho fez "Alto a la Agression" e o Ramon fez um outro filme. E nós todos nos inscrevemos no Festival JB. Inclusive eu fui ao Rio com o Toninho e montamos os nossos filmes juntos no chão da casa da tia dele. Montamos os filmes no chão mesmo, sem moviola, colamos com durex, nas condições mais rudimentares possíveis. Concorremos e não obtivemos nenhum prêmio. E m68 engrenei nesse negócio de jornal. O Toninho e o Ramon foram para o Rio e fizeram "Veia Partida", que ganhou no festival o prêmio de melhor fotografia, que era de Ramon. O filme foi feito no Rio, mas com pessoal todo capixaba, os atores eram do Rio, mas o autor do argumento era o Amylton de Almeida, o diretor era o Toninho Neves, que era daqui, e o Ramon era pernambucano, mas estava aqui há muito tempo. Era a glória para o movimento de cinema capixaba, um Estado pequeno como o Espírito Santo ganhar um dos prêmios principais do festival. O filme era sobre uma relação neurótica entre filho e pai. A fotografia e a trilha sonora eram muito boas. Tinha 15 a 20 minutos. E o Ramon foi o único sujeito que se profissionalizou. O Toninho foi fazer curso no exterior. Eu parei com cinema.

Gerson Von Ran houver, contin

Fundador do Grupo Teatral Praça Oito, Gerson Von Randow, em 1969 dirigiu uma montagem de "A Navalha na Carne", discutida peça de Plínio Marcos, apresentada em Vitória no Auditório da Escola Técnica em Jucutuquara. Seu grupo está diretamente ligado ao Teatro Escola de Vitória, com quem preparada uma montagem da comédia "O Outro André", para estrear em fins de dezembro no Teatro Carlos Gomes.

Apesar de 20 anos de experiência como ator, Gérson Von Randow nunca conseguiu se profissionalizar. Sua carreira de amador está intimamente ligada ao Teatro-Escola de Vitória, que ajudou a fundar em 1951 e ao qual pertence até hoje. Em 1969, dirigiu o grupo Praça Oito na montagem de "A Navalha na Carne", de Plínio Marcos, que teve muito sucesso.

Gérson tem muitas queixas para fazer:

— A minha experiência no teatro em Vitória é justamente com o Teatro Escola de Vitória. Iniciei fazendo teatro como até hoje fazemos — amador — e na expectativa de que futuramente chegássemos a atingir um grau mais elevado de teatro. Não digo nos transformamos em profissionais, mas chegássemos pelo menos a apresentações que se equivalessem a profissionais, porque nem para isto tivemos. Agora, que acontecia, e acontece até hoje, é um pouco de displicência. Não quero falar mal de ninguém em absoluto, mas o público de Vitória ajuda realmente, vai assistir ao teatro, mas só não vai mesmo em massa porque não encontra lá, com nossos espetáculos, o que esperava : uma coisa maravilhosa, bem montada, apesar de que nós fizemos muita coisa que agradou, mas poderia ser melhor se houvesse mais apoio. Mesmo o próprio público fosse prestigiar em massa, em maior escala, porque ele tem ido realmente naquele número... O povo de Vitória, conforme todo mundo diz, não tem teatro, não tem clubes teatrais bem formados. Não é possível se formar um grupo de teatro que agrade à expectativa do público porque, como acabei de dizer, sem ter um apoio maciço, a gente perde um pouco o ânimo. Então neste tempo todo que venho trabalhando juntamente com o TEV, com Flodoaldo Vianna, Dirce Vianna, Maria, Jorges Lopes, Floriano Barros e outros que já desistiram, não se viu aquele incentivo de todo o povo e das autoridades. Uns desanimaram. Parece que eu nasci com o teatro dentro de mim, posso até não saber fazer bem a coisa, mas nasci com isso, gosto disso desde criança. Então, apesar dos pesares, eu fico fazendo isso por dilentantismo, por amor à arte. Haja o que houver, continuarei sempre em teatro.

Gérson nunca saiu do Teatro-Escola de Vitória, embora o grupo tenha paralisado as atividades durante alguns anos:

— Cheguei a fazer algumas peças dirigindo o grupo Praça Oito ("Procura-se uma Rosa" e "Roleta Paulista", de Pedro Bloch e "Bonito como um Deus", de Millor Fernandes), que também acabou pela mesma falta de apoio. Dirigi "A Navalha na Carne" em 1969, com Glecy Coutinho, Manoel Ribeiro e Luís Denaday. Agora o Praça Oito fez pouca coisa, cinco ou seis peças, repetindo sempre as mesmas, também não tinha muito recurso. Desistimos. Passado um tempo, Flodoaldo me chamou para reerguer o Teatro-Escola de Vitória e aqui estamos, já mais ou menos há dois anos, tentando novamente. É aquele sacerdócio, quem se metê em teatro é mesmo para o sacerdócio, porque não pode pensar que isso possa dar alguma coisa em Vitória. Apesar de que eu já pensei em ser profissional, tentei várias vezes, fui ao Rio, não que eu não tivesse sido aprovado, mas porque eu vi que o clima teatral no Brasil, na época em que tentei, era quase igual ao de Vitória, um pouquinho melhor. Já houve uma época em que o teatro andou fraco no Brasil inteiro, mas com o apoio do SNT e o Governo, parece que se olhou mais para o teatro. E por isso que nós nos entusiasmamos novamente e é por isso que estamos aqui lutando. Fomos contratados pelo Mobral para fazer espetáculos no interior e na capital. Então nós vamos lutar outra vez, porque agora nós acreditamos que o teatro no Brasil e no Espírito Santo obtenham mais ajuda.

Uma das maiores queixas de Gérson Von Randow é contra o Teatro Carlos Gomes, que, ele, não faz parte do seu grupo:

— Na época em que pertencia a empresa Santos, nós almejamos muitos quantos anos, porque aceitação do público, de aceitação. E ia se mar uma plateia, mas que o Governo tar o TCG. Acreditamos em espetáculo para não luta, sem recursos, antigamente não gente tinha cenários impróprios conseguíamos Agora acontece formado, 100 todo recurso tro que tem, marginalizada vez em quando zer um espetáculo causa disso não gente consegue petáculo, é difícil aquilo é teatro ensaios podem principalmente os. Agora há peça infantil oferecida pelo nador. É o nós não tivemos vez em quando que quer dar tro como é o atual e da pu tado, dona Ro rou para fazer Semana da "O Gato de Botas" aceitação m satisfeito, em os últimos de Botas" teve palco com cebemos ser do diretor Zenaldo. El ajudou mais porque sem cal para ensaios maravilhosos, saios, antes pelo menos, cenário, sem mente, como dades. Mon Botas" no horas para c Então não se público aqui recurso, não da sai a co blico vai acha em Vitória, companhia. nunca desse j

O e

Gérson, Milson Henri espetáculos público e p constituem em esquema:

— Já ho ravilhosos, co terra, mas não coisa ia engre ques, por exe os bons por nós fizemos, não sei, não p blico é que va fez espetáculo pensei: aí, sin bom aqui em isso, agora tá rece que ele teatro está ma não sei o que pau em ningu todos os